Anexo B: Vaticano II: revolução ou síntese da tradição e da novidade?

Apresentando a edição russa de um livro sobre o Conselho de Dom Marchetto

> MOSCOU, Quarta-feira, 23 de dezembro de 2009 (ZENIT.org) - O que aconteceu no Concílio Vaticano II, e, em particular, as interpretações confusas que surgiram após o Conselho, gerou um intenso debate com artigos, livros e discursos.
>
> Questionado sobre se o Vaticano II foi uma revolução ou uma síntese da tradição e da novidade, Dom Agostino Marchetto, Secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes, respondeu, em 23 de novembro em Moscou, no Centro Cultural "Biblioteca do Espírito", por ocasião da edição na Rússia de seu livro "O Concílio Vaticano II: um contraponto à sua história", uma historiografia crítica do Concílio Vaticano II, publicado pelas edições Biblioteca do Espírito.
>
> A ideia central do autor, defendida nos capítulos do livro, é transmitir uma visão do Concílio diferente daquela que é mais difundida, a qual afirma que se tratou de um evento "revolucionário" que romperia a continuidade da tradição da Igreja.
>
> O autor insere uma interpretação "correta" das fontes históricas do Vaticano II e mostra que o Concílio, que teve uma imensa importância para a Igreja Católica na segunda metade do século XX, não representa uma ruptura com a tradição, mas "liga a tradição, o novo e o antigo, e a abertura à inovação, preservando a continuidade da fé e a incorporando, como é justo fazê-lo, no contemporâneo."
>
> O livro de Marchetto (...) critica a história do Vaticano II, conforme apresentada pela chamada "escola de Bolonha", caracterizada por uma ideologização que, entre outras coisas - disse Marchetto - contribuiu para uma mudança da influência da Igreja Católica entre os cristãos de outras confissões.

"Os ortodoxos que leram os livros da 'escola de Bolonha' - explicou - ficaram desencorajados. Eles viram uma opinião negativa sobre a única Igreja Católica, apresentada a eles como modernista."

Dom Marchetto disse conhecer alguns ortodoxos que acreditam que o Papa Bento XVI pegou a Igreja "para colocar o trem nos trilhos da tradição", e que, na realidade, o Soberano Pontífice "dispõe de vários relatórios (?) mas sempre conduz (ainda) a locomotiva da Igreja na (mesma) direção."

Esse detalhe é de importância primordial: o autor do livro contém uma declaração do discurso de Bento XVI, datado de 22 de dezembro de 2005, quando o papa rejeita a ideia de que "no Concílio Vaticano II houve uma ruptura com tudo o que havia sido antes." Para Dom Marchetto e os partidários de sua tese, entre os quais há historiadores italianos e americanos, a palavra-chave para descrever a importância do Concílio Vaticano II é um termo que entrou em todas as línguas modernas, "atualização", e acrescentou: "É aqui que se reflete a originalidade, o sentido e o fim de cada concílio, unir o *Nova* (a novidade) e o *Vétéra* (o antigo), e a abertura a novas realidades ou, se preferir, a encarnação da novidade."

Durante a reunião, o arcebispo expressou a esperança de que seu livro contribua para trazer um olhar positivo sobre a história da Igreja Católica e o Concílio Vaticano II.

Ele também declarou que estava convencido de que a reflexão teológica sobre os documentos por pensadores ortodoxos pode contribuir para a preparação do Concílio pan-ortodoxo.

Uma das tarefas do Vaticano II era "olhar para o mundo com benevolência", disse Dom Marchetto, mas isso não significa "se conformar ao mundo," e por isso "os trabalhos do Concílio podem ser considerados como uma tentativa de salvar a dimensão profética, na atual situação da humanidade."

"Estou convencido - disse ele - de que o Concílio Vaticano II foi uma graça que nos ajuda a nos orientar em situações muito difíceis no mundo laico", observando "o desafio do laicismo de hoje, ao qual os cristãos de diferentes confissões são chamados a responder."

Respondendo a uma pergunta do historiador, professor Anatoli Krasikov, que estava presente no Concílio Vaticano II como jornalista, Dom Marchetto observou que este Concílio também pode ser entendido como "uma tentativa de retornar à Igreja primitiva", e para enfatizar a continuidade aparente com a Igreja do primeiro milênio.

> Sobre a relação com o Arcebispo ortodoxo (?), Marchetto expressou um ponto de vista muito próximo do Concílio local da Igreja ortodoxa russa de 1917-1918 e do grande Concílio Vaticano II, embora mais de meio século os separe.
>
> A esse respeito, ele destacou que "na realidade, seu espírito e alguns temas e ideias coincidem."
>
> O autor também indicou que considera muito importante a presença da Igreja ortodoxa russa no Vaticano II.
>
> (Posfácio do texto do Observador citando a Igreja ortodoxa russa no Vaticano II, o padre Vitaly Borovoj.)
>
> Dom Marchetto também falou sobre a apresentação, lembrando como seu pai Vitaly fez "críticas elogiosas ao Vaticano II, dizendo que a Igreja católica nos tinha passado a mensagem de estar unida." Judin Alexei, professor universitário da Rússia, especialista na história da Igreja Católica, declarou que, em vez do isolamento intelectual do período soviético, a Rússia contribuiu para o fortalecimento de uma percepção "mitológica" do Vaticano II como uma revolução, um combate, onde "os bons prevalecem sobre o mal."
>
> Durante uma conferência, a escritora ortodoxa Elena Čudinova declarou: "Pelo exemplo, vemos o Ocidente como Igreja começou a correr pelo mundo. Doravante, o Ocidente foi guiado pelo Concílio Vaticano II, que praticamente lhe privou de todo sentido de missão, dizendo que todas as religiões são igualmente verdadeiras."[20]

---

[20] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=523579

Revision #3
Created 3 November 2024 14:19:56 by Admin
Updated 4 November 2024 22:56:13 by Admin